



A SRA. PRESIDENTE (Conceição Sampaio. Bloco/PSDB - AM) - Bom dia a todos e todas.

Declaro aberta a presente reunião.

Informo aos Srs. Parlamentares que a reunião está sendo transmitida ao vivo, pela Internet, no *site* da Câmara. Informo ainda que as imagens e o áudio deste evento estarão disponíveis para serem baixados na página desta Comissão logo após o encerramento dos trabalhos e que as fotos do evento serão disponibilizadas no banco de imagens da Agência Câmara, na página da Câmara.

Esta reunião de audiência pública foi convocada nos termos do Requerimento nº 405, de minha autoria e da Deputada Leandre, subscrito pelos Deputados Marx Beltrão e Geovania de Sá, aprovado por esta Comissão, para debater a importância dos Grupos e Coordenações da Terceira Idade como estratégia de assistência integral e multidisciplinar ao idoso.

Convido, neste momento, para compor a Mesa, a Sra. Lucicleide Campos da Silva, Coordenadora do Grupo da Terceira Idade de Manaus, Amazonas (*palmas*); a Sra. Valtimar Carneiro de Souza, também Coordenadora do Grupo da Terceira Idade de Manaus (*palmas*); o Sr. João Romão Rodrigues Neto, Presidente do Grupo da Terceira Idade da Casa do Idoso São Vicente de Paulo, também do Estado do Amazonas (*palmas*); e a Profa. Nayara Santana, do ICESP do Guará. (*Palmas.*)

Quero agradecer aos nossos acadêmicos da área do Direito de Família do ICESP do Guará a presença, e dizer da nossa satisfação em tê-los conosco. Certamente, serão os senhores, no dia de amanhã, os grandes aplicadores da lei. É importante conhecer a sociedade a que irão servir, não é, professora?

Nós trouxemos, hoje, para a Comissão de Seguridade Social e Família, em parceria com a Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa, da Câmara dos Deputados, uma experiência vivida no Estado do Amazonas, que eu tenho a honra de poder representar nesta Casa. Nós sabemos que o País está envelhecendo, mas precisamos fazer esse envelhecimento acontecer com qualidade de vida. Certamente, ao pensar no envelhecimento, é preciso produzir políticas públicas que sejam capazes de fazer a inclusão social da pessoa idosa. Daqui a mais duas décadas, nós teremos mais pessoas acima dos 60 anos do que abaixo dos 15 anos. Essa é a realidade do Estado brasileiro. Em qual Brasil nós estamos vivendo hoje e qual nós teremos daqui a 20 anos? É preciso



que as experiências dos Estados brasileiros possam ser mostradas, mas, acima de tudo, que uma troca dessas experiências seja experimentada.

Essa é a realidade que nós vivemos, hoje, na cidade de Manaus, mas, certamente, em vários dos 62 Municípios do Amazonas. O objetivo hoje é justamente mostrar como é possível resgatar pessoas que estavam, até pouco tempo, prostradas em uma cama. Através dos grupos da terceira idade, do trabalho realizado por esses coordenadores, e de secretarias municipais e estaduais, hoje nós temos centenas de pessoas idosas que estão vivendo melhor. Então, essa é uma experiência que nós queremos dividir com os outros Estados desta Federação.

Portanto, eu quero muito agradecer a presença aos nossos convidados, que vieram do Estado do Amazonas, assim como aos nossos acadêmicos, que vieram do Guará, para também, através da Profa. Nayara, trocar essa experiência. E através da própria Academia — não é, Profa. Nayara? — poderemos fazer esse trabalho, essa vivência, essa experiência da sociedade a que, certamente, se Deus quiser, os senhores estarão servindo daqui mais algum tempo. Então, muito obrigada. *(Palmas.)*

Os senhores são quem merecem, certamente, todos os aplausos, e nós ficamos muito felizes e honrados com a presença de cada um aqui na Câmara dos Deputados.

Quero, neste momento, passar a palavra à nossa querida Valtimar Carneiro de Souza. Ela é Coordenadora de um dos grupos da terceira idade na cidade de Manaus, no Amazonas, e trouxe um vídeo com o trabalho que realiza para ser mostrado aqui, para começarmos esta conversa na audiência pública.

Está com a palavra, minha querida Valtimar.

A SRA. VALTIMAR CARNEIRO DE SOUZA - Bom dia a todos.

Meu nome é Valtimar Carneiro. Eu sou professora de educação física, especialista em gestão pública e gerontóloga. Trabalho no Amazonas com idosos já há 23 anos. Eu comecei em um projeto na universidade, e vou mostrar aqui um pouco da nossa história, além da nossa experiência.

Está aqui também a nossa equipe, que veio do Amazonas e, daqui a pouco, vai se apresentar.

(Segue-se exibição de imagens.)



Temos o seguinte título: *A importância dos Grupos de Terceira Idade e seus Coordenadores como Estratégia de Assistência Integral e Multidisciplinar ao Idoso*. Nós colocamos uma foto, e os senhores podem ver que há turismo no Amazonas, não é?

Esta é a nossa equipe. Daqui a pouco, nós três conversaremos com os senhores sobre o assunto.

Esses grupos de terceira idade tiveram início na Universidade do Amazonas, que, em 1994, ofereceu uma pós-graduação em gerontologia e começou um projeto pioneiro com os acadêmicos da Faculdade de Educação Física, através da Profa. Dra. Rita Puga — ela é muito conhecida na nossa área. Nós tivemos essa experiência já como professora, à época. A universidade começou a disseminar a ideia de que era possível fazer alguma atividade para que o idoso participasse. Era o Projeto Idoso Feliz Participa Sempre. A comunidade começou a ver que dava certo. Portanto, o pontapé inicial foi da universidade, realmente. Vemos que na universidade podemos começar um trabalho com o idoso já dentro da própria área.

Como estão organizados esses grupos? Em Manaus, cada bairro tem um grupo de idosos — ou é uma associação ou é um grupo. Como diferenciamos isso? O grupo de idoso reúne-se nos salões paroquiais, nas igrejas. Alguém teve uma ideia, reuniu os idosos e começou a buscar parcerias. Iniciou-se, então, a formação desses grupos. Em boa parte dos Municípios, há grupos de terceira idade formados. Falamos em grupo de terceira idade porque nós atendemos pessoas com menos de 60 anos, começando aos 50 anos. Se falamos em grupo de idosos, os senhores vão pensar que só há pessoas com 60 anos ou mais. Usamos uma nomenclatura que é aprovada cientificamente. Então, falamos em terceira idade porque atendemos já a partir dos 50 anos.

Os grupos constituídos apenas socialmente são aqueles, como eu disse, que se reúnem nas igrejas, nas escolas, em uma sala. Alguém começa a fazer encontros de terapia para conversar, depois consegue um professor para dar aula de ginástica, e os grupos vão se formando. O poder público vem e oferece uma ajuda, o que veremos mais adiante. Coloquei no eslaide o nome de alguns grupos — não estão todos aí — só para os senhores terem uma ideia. Há o Grupo Navegando na Vida, da Zona Leste de Manaus, o Sempre Jovem, da Zona Norte. Em todas as zonas há grupos. Vemos, por exemplo, que só neste eslaide aparecem cinco grupos na Zona Sul. E por aí vai. Há grupos na Zona Oeste e na Zona Leste. O Anos Dourados é um grupo criado pela Polícia Militar com



os aposentados da corporação — hoje, é um dos maiores grupos. Eles organizam passeios, têm professores, enfim, a própria Polícia Militar buscou parcerias e começou a trabalhar com essas pessoas. Continuando, ali já aparecem mais grupos da Zona Norte, como o Atitude e o Sempre Ativa, e alguns da Zona Leste. Trouxe essa informação mais para vermos que há grupos em todas as zonas da cidade de Manaus.

Há também as associações de idosos, que são legalmente constituídas, ou seja, que já têm toda a documentação em dia. Algumas têm parcerias e recebem incentivo do Governo, porque, como disse, são legalmente constituídas. Além disso, participam dos Conselhos de Assistência — e têm que participar para poder receber alguma verba. Vejam só a quantidade de associações existentes. Estas aqui não têm relação com aqueles grupos que eu mostrei ainda há pouco. Aqueles são os grupos sociais; estas aqui, as legalmente constituídas. Estas são muito maiores que os grupos, porque, às vezes, têm estrutura. Algumas já têm uma casa que foi doada e transformada na associação. Aqui há mais exemplos: Oeste, Centro-Sul, Leste, Oeste de novo, Leste. Em cada zona, há grupos e associações. É muita coisa sendo feita para o idoso.

Eu vou abrir um parêntese — e é até bom que haja aqui estudantes de Direito — para dizer que há políticas públicas no Estado e na cidade de Manaus voltadas exclusivamente para os idosos. A Política Municipal do Idoso é de 2001. Em seguida, surgiu o Parque Municipal do Idoso, que é uma política pública decorrente da Política Municipal do Idoso. Então, a Política Municipal do Idoso originou-se da Política Nacional. Depois que houve toda a questão da Política Nacional, foram realizadas, em Manaus, audiências e conferências, para que fosse criada, então, a Política Municipal do Idoso, que determina o que cada Secretaria Municipal tem que fazer para o idoso.

Eu vou falar da minha, que é a do esporte. A Secretaria de Esporte tem em suas atribuições o que ela tem que oferecer para os idosos. Já há 18 anos é realizada a Olimpíada da Terceira Idade. É um megaevento, que mobiliza toda a cidade — um espetáculo! Neste ano, 2.500 pessoas participaram dessa Olimpíada. Então, a Secretaria Municipal de Esporte é uma das que cumpre as suas atribuições, assim como a Secretaria de Saúde tem algumas diretrizes na sua política de assistência voltadas para o idoso.

O Parque Municipal do Idoso é como um centro de convivência, mas totalmente voltado para o idoso. O restaurante, a lanchonete, os lanches servidos, tudo é voltado



para o idoso. Há a Política Estadual, que também estabelece as diretrizes para as Secretarias Estaduais. Isso não significa que esteja funcionando 100%, mas a política já está lá, que é o principal. Há também o Fundo Municipal do Idoso. Em relação ao Município, ele está todo organizado para desenvolver um bom trabalho. Ele tem um fundo que pode receber os incentivos, enfim, os recursos para serem aplicados exclusivamente para o idoso. Há também o Conselho, que nós já vamos ver aqui.

Quanto aos órgãos de controle social, temos em nosso Estado o Conselho Municipal do Idoso e o Conselho Estadual do Idoso. Então, vejam que o Município tem o Conselho, o Fundo e a Política Municipal. Estão faltando algumas coisas, mas, em termos de políticas públicas, nós estamos com tudo pronto.

A sociedade civil organizada está representada por todos os grupos que eu mostrei. A concentração desses grupos ocorre no Fórum Permanente do Idoso. Esse Fórum foi criado em 1996 por algumas assistentes sociais da Fundação de Apoio ao Idoso Dr. Thomas — é também conhecidíssima a Dr. Thomas —, com base na Política Nacional do Idoso. Ele surgiu para discutir as políticas públicas para Manaus. Olhem só: em 1996 foi criado esse Fórum para discutir ações para o idoso. Normalmente, em fórum, discute-se ali e acaba. Esse fórum tornou-se o Fórum Permanente do Idoso, ou seja, não acabou ali.

O idoso enfrenta várias problemáticas sociais que precisam ser discutidas — não só o idoso, mas esse é o nosso segmento. Esse Fórum ocorre toda quinta-feira, às 14 horas, no auditório da Secretaria de Estado de Assistência Social — SEAS. É lá que nos reunimos — eu e meus colegas já participamos desse fórum. Acho que todos de lá estão assistindo a esta audiência ao vivo, estão sabendo que estamos falando sobre esse assunto aqui. Discutimos ali todos os direitos, as problemáticas, mas também há brigas, discussões, enfim, há de tudo.

Quais são as dificuldades encontradas pelos grupos e associações de idosos? A falta de orientação, principalmente a jurídica — e os senhores podem pensar nisso. Qual é a orientação jurídica? Às vezes, a associação acha que está com todos os documentos em dia — *"ah, eu estou toda legalizada!"* —, mas falta alguma coisa. Aí ela vai participar do Conselho de Assistência e, lá, há toda uma burocracia legal, o que é normal, mas a associação não consegue resolver o seu problema. Então, a grande reclamação é justamente uma assessoria jurídica que possa atender essas instituições.



Neste eslaide eu coloquei algumas figuras representando a problemática da fila. É aquilo de sempre: existe a fila para idoso, a fila de prioridade, mas há vários tipos de prioridades, e essa acaba sendo a maior fila no banco. Outra dificuldade — não sei em Brasília, mas em Manaus falta muito isso — é haver alguém que dê orientação. Nesta figura, as duas senhoras estão querendo pagar uma conta e não conseguem porque não sabem como fazer isso. A dificuldade é algo absolutamente normal; o que não é normal é não ter ninguém para atender.

Continuando, o que acontece nos grupos? Os grupos de idosos e associações recebem uma demanda muito grande de reclamações, mas esbarram em um problema: não conseguem solucioná-las. Em alguns casos, eles vão atrás de informação, fazem uma parceria, por exemplo, com o posto de saúde mais próximo e ali resolvem o problema. Por exemplo, em caso de mal atendimento ao idoso no posto de saúde — *"eu fui lá, mas fui mal atendido!"* —, a pessoa que recebeu essa reclamação vai lá e conversa com o diretor do posto: *"Olha, eu estou recebendo uma reclamação de que o idoso foi maltratado aqui"*. Isso dá para resolver, mas há outras situações que não dá.

Antes organizar estes eslaides, perguntei, fui atrás para saber quais eram as maiores reclamações em relação às associações, e tivemos a resposta: elas recebem as reclamações dos idosos, mas não conseguem solucioná-las. Quais são as maiores reclamações? Hospital lotado; falta de leito; idoso em corredor; menino fingir que está escutando música ou dormindo, sentado no lugar da prioridade no ônibus, e o idoso em pé. Isso ocorre muito. Uma das discussões mais acirradas no Fórum é sobre o idoso fazer valer o seu direito. Conforme aparece nesta figura, como é que ele vai brigar com esses dois rapazes? *"Levanta, esse lugar aí é meu, está reservado, eu tenho direito."* Ele fica com medo de o menino ser grosseiro ou fazer alguma coisa, e acaba deixando passar.

Qual é a importância dos grupos de idosos? Como é que vemos isso? É a possibilidade de se fazer amigos da própria faixa etária. Quando somos estudantes, temos os amigos de escola, de faculdade — quando somos menores mesmo, adolescentes —, que vão à nossa casa, e saímos para jogar juntos, saímos para ir ao cinema juntos. Isso era uma coisa boa. Com o idoso ocorre o mesmo. Quando ele chega ao grupo, há pessoas da mesma idade, com problemas parecidos. Eles podem, às vezes, trocar experiências: *"Olha, eu tomei um chá disto e fiquei boa"*. E a outra vai lá... Então, isso é uma coisa boa.



Há também outra prática legal. No grupo que coordeno — são 123 idosos —, quando uma pessoa está doente, costumamos visitá-la. Fazemos uma turma e descemos a rua, andando a pé mesmo. Lá no bairro todo mundo nos conhece, porque andamos nas ruas para ser vistos mesmo. Por exemplo, na Olimpíada, ouço: *"Ah, professora, não treinei!"* Eu digo: *"Temos que aparecer, quem não aparece não é lembrado. Você vai ter que ir lá, vai caminhar, sim! Vamos a pé daqui até a casa da vizinha, para verem que há um trabalho aqui no bairro"*. Então, descemos e lotamos a casa da doente. Na ocasião, as idosas cantam música, e eu digo a elas: *"Vocês vão matar a paciente do coração"*. Elas ficam muito emocionadas. Cantam música de amizade e conversam. Aí a pessoa que está doente vai contar o que ocorreu, desde o começo. Temos que ter a paciência de ouvir. Às vezes, ela só tem essas pessoas para conversar, a família não a escuta. O filho que trabalha pede bênção à mãe, diz que já vai embora e não presta atenção no idoso. Às vezes, ela só tem esse grupo para prestar atenção nela. É por isso que vamos visitá-la, cantamos, conversamos, ficamos lá.

E eu digo aos idosos: *"Se a pessoa falecesse, não iria todo mundo ao velório? Então, vamos lá enquanto ela está viva, para que ela se sinta amada, querida"*. Às vezes, no outro dia, ela já está boa e já vai ao grupo; era só um carinho o que ela queria e acabou ficando boa.

Ainda falando da importância dos grupos, nós temos a parte de paz espiritual. Por quê? Porque elas fazem oração, umas rezam, outras oram. Há grupos que são religiosos. A Igreja Católica tem um grupo, mas recebe todo mundo. Não temos religião no grupo, mas, como somos um país cristão, geralmente alguém quer fazer uma oração. Isso é livre. Se vamos passear e alguém quer fazer uma oração dentro do ônibus, não há problema. Quem não quiser não ora, mas acabamos fazendo a oração.

Não precisamos nem dizer que lazer é ultra, megaimportante para nossa vida em todas as faixas etárias. Trabalhamos, mas precisamos ter o lazer. É a hora em que o cérebro descansa, relaxa. E os idosos já estão na fase em que — eu acho legal — não trabalham, têm tempo para passear. Às vezes, eles vão passear na sexta-feira. Enquanto todo mundo está trabalhando, os idosos estão tomando banho de piscina.

Eu nem preciso falar de esporte, porque eles amam, tanto que a Olimpíada da Terceira Idade já existe há 18 anos, com modalidades como atletismo, vôlei, natação, mas também há jogos recreativos, que também têm suas regras, valem pontos,



medalhas. Há também o resgate cultural, como a ciranda. Alguém pode dizer: *"Mas ciranda?"* Sim, há ciranda, há carimbó. Podem achar que o idoso não consegue dançar ciranda, mas ele consegue. Eles acham um jeito e dançam.

Eu gosto muito desta reflexão de Confúcio: *"Escolha um emprego do qual você goste que não terá que trabalhar nem um dia mais na sua vida"*. Eu gosto, sabem por quê? Porque eu adoro trabalhar com a pessoa idosa. Quando gostamos, dizemos: *"Eu não vou trabalhar, eu vou relaxar"*. Eu gosto porque é muito animado, é gostoso, é prazeroso. A pior coisa é você ir para o trabalho pensando: *"Eu já vou para o trabalho. Meu Deus! Tomara que já termine o dia"*. Isso é horrível, porque você vai ser um idoso muito chato se ficar 30 anos trabalhando num emprego de que você não gosta.

Eu vou passar alguns vídeos. Eu até falei mais rápido, e eu falo muito, sou professora.

Temos em Manaus duas instituições — uma pública e outra privada — de assistência ao idoso, de acolhimento, onde o idoso mora mesmo. Vamos mostrar um pouquinho da Sociedade São Vicente de Paulo, que é a Casa do Idoso São Vicente de Paulo, onde os idosos moram. Essa instituição, cujo Presidente está sentado no plenário, não é pública, ela recebe incentivos particulares.

Nós vamos mostrar um vídeo sobre isso. Em seguida, nesse mesmo vídeo, vocês vão ver um pouquinho dos eventos organizados pelos coordenadores. Eu me esqueci de dizer que cada grupo desses tem um coordenador. A Lucicleide é coordenadora de um grupo; o João é coordenador da Casa do Idoso; eu sou coordenadora do Grupo Dinâmico há um tempão. Esses coordenadores são pessoas simples. Alguns são graduados, outros não. Alguns graduados começaram esse trabalho por uma questão social, querendo fazer o bem, querendo ajudar um idoso acamado, querendo ajudar o outro. Aí foi se formando o grupo. Outros já fizeram uma graduação e continuaram trabalhando com o grupo. Isso é bom, porque os grupos, com certeza, vão ficar melhores com esse coordenador capacitado.

Observamos também que o coordenador precisa ter maior capacitação, fazer um curso técnico, uma graduação. Sabemos que, quando alguém faz um curso, abre os horizontes, acaba tendo outra visão, além daquela do dia a dia, da experiência. Estamos buscando isso.



Vamos passar o vídeo, em que os senhores vão poder ver um pouquinho da abertura do carnaval que fazemos, da abertura das escolas. É um evento muito bom.

(Exibição de vídeo.) (Palmas.)

A SRA. VALTIMAR CARNEIRO DE SOUZA - Agradeço a todos a atenção. Espero ter contribuído de alguma forma com esta nossa experiência. Estou muito feliz por estar na Casa do Povo.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Conceição Sampaio. Bloco/PSDB - AM) - Muito obrigada, querida Valtimar Carneiro de Souza. É tão importante vermos o trabalho que é feito ao ser humano! Esta é a grande diferença: tratar as pessoas com a dignidade que elas merecem ter.

Antes de continuar com os nossos convidados, eu quero registrar a presença do nosso querido Deputado Flavinho. S.Exa. é um grande Parlamentar, membro da Comissão de Seguridade Social e Família, cuja Presidência eu hoje tenho a honra de ocupar.

Vou passar agora a palavra ao Deputado Flavinho. Esclareço que aqui na Câmara dos Deputados várias atividades acontecem ao mesmo tempo. Eu quero agradecer a V.Exa., meu querido Deputado Flavinho, a presença nesta audiência pública, demonstração de que, quando decidimos fazer algo, é possível realizar.

O SR. FLAVINHO (PSC - SP) - Bom dia, Sra. Presidente, querida amiga, Deputada Conceição. Quero já saudar os nossos convidados e convidadas. Eu me sinto honrado de participar desta audiência pública com tema tão relevante e sensível a este tempo que estamos vivendo no País.

A Organização Mundial da Saúde aponta que, em 30 anos, serão pelo menos 2 bilhões de anciãos no mundo. Então, precisamos falar sobre isso, precisamos discutir sobre esta temática, porém, mais do que isso, precisamos olhar com carinho, atenção e respeito para aqueles que construíram a nossa história. Um país que não respeita os seus anciãos é um país que não tem história e não tem futuro. Um país e um povo que não olham para os seus anciãos como um legado, como um tesouro, realmente não têm um norte, não sabem para onde vão, porque não sabem de onde vêm e não dão valor para o tesouro que têm, que são os seus anciãos.



Eu me lembrei de uma história que ouvi uma vez, inclusive contada pelo Papa Francisco, na celebração do Dia dos Avós. O Papa contou essa história até emocionado, porque a ouvia desde pequeno. É a história de uma família constituída por pai, mãe, filhos e um avô, que vivia com eles. O avô, já em idade avançada, com algumas dificuldades até locomotoras, no momento da refeição se sujava um pouco com a comida, com a sopa. O pai — no caso, o filho daquele senhor —, incomodado com aquela situação, fez uma mesa separada e colocou ali aquele ancião para fazer as refeições. As crianças, é claro, vendo toda aquela situação, começaram a fazer as suas elucubrações. Certo dia, aquele pai voltou para casa e o filho mais velho estava construindo uma mesa de madeira. O pai, então, perguntou: *"Mas por que você está construindo isso?"* O filho respondeu: *"É a mesa que eu já estou construindo para quando o senhor ficar velho"*, para também colocar aquele pai na situação de exclusão que aquele avô vivia dentro da casa.

É uma história que fala muito da realidade que nós vivemos no País. Existem as casas de repouso e a Sociedade São Vicente de Paulo, pela qual eu tenho um carinho imenso. Existem as casas de repouso e a Sociedade de São Vicente de Paulo, pela qual eu tenho um carinho imenso. Por muitos anos, eu fui animador do AVIV — Avivamento Vicentino, na comunidade Canção Nova, em Cachoeira Paulista, que reúne todos os vicentinos do Brasil inteiro, mais de 5 mil pessoas do Brasil inteiro. Essa obra faz um trabalho, como foi mostrado, em mais de 150 países. Eu sempre digo aqui, como missionário católico que sou — e V.Exa. sabe muito bem que não me posiciono como religioso, fundamentalista, nada disso, mas a verdade tem que ser dita, sim —, que a Igreja Católica é a entidade que mais acolhe pessoas no mundo, incluindo os idosos, através do trabalho dos vicentinos e de outras entidades, que geram essa dignidade. Isso parte exatamente da doutrina social da Igreja, que fala do humanismo integral, do cuidado da pessoa como um todo.

Como defensor da vida que sou, sempre defendo a vida do nascituro, tão atacada nesses últimos tempos no nosso País, agora pela própria Associação Nacional dos Defensores Públicos, que estão com uma ação no STF querendo liberar o aborto no caso de infecção por zika vírus. Nós defendemos o nascituro até o seu declínio natural. Ou seja, defendemos que a pessoa tenha a dignidade de viver a sua vida, de chegar a sua terceira idade como ancião e de ter a dignidade de viver.



Para encerrar, Sra. Presidente, eu me lembrava aqui de um projeto de lei, nesta Comissão, no início do ano passado. Eu me lembro de que era um projeto do Deputado Marcus Pestana, que ia contra um aumento efetivo para os aposentados. Nós conseguimos derrubar esse projeto com um substitutivo, conseguimos dar essa mínima contribuição que seja para os nossos irmãos da terceira idade. Neste ano, eu protocolei um projeto de lei, o PL 4.806/16, com a ideia de valorizar a inserção e a reinserção do idoso no mercado do trabalho, inserindo no Estatuto do Idoso que as condições de trabalho devem ser adequadas às condições físicas, intelectuais e emocionais do idoso. Ali tratamos também a questão das empresas, por exemplo, com 50 empregados, para que tenha 2% de vaga para idosos.

Isso eu vi em vários países. Tive a oportunidade de viajar para mais de 25 países como missionário, como evangelizador. Nós vemos que, se aquele idoso — é claro, se houver condições de trabalho — puder ainda produzir, essa é uma forma de gerar autoestima naquele ancião, naquele senhor, naquela senhora. A reinserção ou a inserção no mercado de trabalho gera também essa força positiva. Os números da Organização Mundial de Saúde mostram que as pessoas com uma atitude negativa na terceira idade têm uma perspectiva de vida de 7,5 anos a menos. Quer dizer, essa é uma proposta aparentemente simples, mas que também ajuda no sentido de fazer com que os nossos anciãos sejam valorizados.

Peço que me perdoem, mas, como católico e missionário que sou, vou citar a Carta aos Hebreus, na qual o autor sagrado nos faz lembrar todos os heróis da fé, os anciãos. Precisamos olhar para a história de homens e mulheres que construíram aquela nação. Nós, no Brasil, ao contrário, infelizmente, não olhamos para aqueles que construíram a nossa Nação e que hoje, muitas vezes, padecem por não terem um lugar digno e decente para viver, por não terem saúde com qualidade. Estamos debatendo a Proposta de Emenda à Constituição nº 241. Nesta Comissão, somos aguerridos na luta pelos direitos na saúde não só para os anciãos, mas também para todo o povo brasileiro, que padece por causa da saúde. E nós vemos que este País, infelizmente, ainda destrata, maltrata e relega a um cantinho os nossos anciãos, que são o nosso grande tesouro.

Eu me sinto honrado por estar nesta Comissão. Conforme V.Exa. mesmo disse, infelizmente não poderei acompanhar toda a Comissão, em função dos outros trabalhos que temos na Casa, mas fiz questão de ficar neste momento. Quero parabenizar V.Exa.



pela iniciativa, assim como cada um daqueles que está aqui participando desta audiência pública. Nós precisamos, de fato, olhar para os nossos anciãos como um norte, não como um peso. Os nossos anciãos não são um peso para a sociedade, para a Previdência ou para os seus familiares. Eles são um tesouro e nos apontam o norte que devemos seguir.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTE (Conceição Sampaio. Bloco/PSDB - AM) - Muito obrigada, querido amigo e Deputado Flavinho. Certamente foi muito bom ouvir, nesta manhã, toda a experiência já vivenciada por V.Exa., não só como Parlamentar que está, mas também como missionário que é.

Quero passar a palavra, neste momento, à Sra. Lucicleide Campos da Silva, coordenadora de um dos grupos de terceira idade do Amazonas e gerontóloga.

A SRA. LUCICLEIDE CAMPOS DA SILVA - Bom dia a todos. Neste primeiro momento, gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade e à nossa querida Conceição Sampaio pela promoção deste evento, que, creio, vai ser de fundamental importância para todos que aqui estão. O nosso Estado tem o orgulho de dizer que estamos sendo bem representados. Quando falamos de idosos, falamos de pessoas. Depois desses anos de luta pela causa do idoso, sabemos que o que falta verdadeiramente para esse respeito se fazer é o direito como lei, o que falta é o amor pelas pessoas.

Eu vou falar um pouco da minha experiência como coordenadora de grupo. A nossa amiga Valtimar há pouco citou que os grupos se iniciam dentro da comunidade. Eu também tive a oportunidade de iniciar um grupo há 16 anos como coordenadora. Na comunidade onde eu nasci e me criei, que é o Bairro Betânia, na Zona Sul de Manaus, eu via aquelas pessoas em casa, muitas abandonadas pela necessidade de a família, de os filhos trabalharem. Esses idosos estavam ociosos. Então, começamos a nos reunir dentro de alguns espaços públicos. No caso, conseguimos o centro de saúde. Depois vimos que o número foi aumentando e o espaço era pequeno. Nós fazíamos visitas. A maioria dos meus colegas coordenadores de grupos faz este trabalho, vai até a casa, localiza esse idoso. Nós fazemos a visita domiciliar e o convite para motivá-los a estarem no grupo.

Hoje, após 16 anos, eu vejo o resultado deste trabalho. Nosso grupo é composto por mais de 80 pessoas. Temos atividades de alguns projetos que nos apoiam pelo Governo mesmo e, às vezes, pela Prefeitura. Nosso grupo ainda não está constituído juridicamente, porque não temos um prédio para dizermos verdadeiramente que o espaço



é nosso. Então, nós nos reunimos na associação de moradores, às vezes, no centro de saúde, no CRAS, em Betânia, onde temos um trabalho. Essa é a realidade de muitos grupos. Mas eu vejo a importância do trabalho. No nosso Estado, existem mais de 80 grupos já formados. Eu vejo que é um trabalho que, ao longo dos anos, está sendo proveitoso. Os nossos idosos são participativos; os nossos idosos, quando veem que seus direitos não estão sendo usufruídos, vão para reivindicações. Nós os convocamos para irem às caminhadas, ao fórum, e eles comparecem, porque eles são a nossa voz.

Nós sabemos que muito ainda falta a se fazer, porque a população é muito grande. Algumas pesquisas falam que em 2025 nós vamos ter um número muito grande de idosos. E vejo o trabalho do coordenador como de fundamental importância. A Valtimar também falou sobre a questão de o coordenador qualificar-se, e nós temos oportunidade, muitas vezes, de ter essa qualificação para passarmos a eles, para que o idoso não seja mais aquele idoso que vai ficar na sua casa chorando e se lamentando, muitas vezes em relação à família.

Lá no nosso Município nós temos duas instituições, conforme a professora aqui acabou de dizer: instituição de longa permanência e um centro de convivência estadual. Através da mobilização dos idosos, o Governo foi forçado a fazer esse centro de convivência. E lá temos uma demanda muito grande atendida todos os dias, mas o centro é pequeno devido ao número de idosos que vivem hoje em nossa capital.

Então, eu vejo que o nosso trabalho não é em vão. Tudo o que está sendo feito, tudo o que nós temos buscado, tudo o que nós temos almejado nós iremos alcançar, mas precisaremos da participação de todos, da contribuição de todos.

Vocês, acadêmicos, que bom que estão aqui hoje para ouvir um pouco do nosso relato! Creio que sairão daqui com um pensamento muito positivo para a carreira de vocês, futuramente. Que não nos encontremos num tribunal para defender os idosos, e sim para garantir o direito deles.

Eu agradeço a cada um de vocês.

Obrigada. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTE (Conceição Sampaio. Bloco/PSDB - AM) - Muito bem! Muito obrigada à nossa querida Lucicleide Campos da Silva.



Passo a palavra neste momento ao Sr. João Romão Rodrigues Neto, Presidente do Grupo da Terceira Idade da Casa do Idoso São Vicente de Paulo de Manaus, Estado do Amazonas.

O SR. JOÃO ROMÃO RODRIGUES NETO - Bom dia. Conforme as minhas colegas falaram, primeiramente, temos que ter vocação, gostar daquilo que fazemos. Eu fui várias vezes coordenador de grupo e hoje estou na coordenação da Casa do Idoso São Vicente de Paulo.

Nossa casa abriga 28 idosos, que moram conosco. Vocês viram no vídeo o que fazemos com eles. Trabalhamos com o idoso nos grupos — e eu tenho essa experiência de trabalhar com o idoso asilar. Nós recebemos esses idosos que são abandonados pela família, que não têm onde morar ou moram só. Portanto, a Casa do Idoso São Vicente de Paulo abriga esses idosos.

Eu estou hoje como Presidente da Sociedade São Vicente de Paulo, no Amazonas. Temos unidades no Acre e em Roraima, na cidade de Boa Vista. É uma experiência boa. É um desafio. Cada dia em que chegamos à casa, ao abrigo, há uma história. Eu sempre digo para a minha equipe: *"Aprendemos a cada dia, porque, através dele, nós aprendemos"*. Nós ouvimos o idoso, que nos conta uma história. Eu estou lá há 15 anos, e o idoso conta a mesma história, e temos que ouvi-lo como se fosse a primeira vez. O trabalho é muito gratificante — muito mesmo! —, porque gostamos daquilo que fazemos. Eu digo para vocês também que é um trabalho amplo, em grupo.

Quando a nossa amiga Deputada foi eleita pela primeira vez, ela nos deu essa força. Fizemos mais eventos, fizemos mais passeios, é claro, com apoio dela, que sempre abraçou essa causa. E ainda dizemos no Amazonas que ela é a madrinha do Grupo da Terceira Idade, porque sempre estava lá conosco.

Quero dizer que estou honrado de falar um pouco da nossa casa. Sou vicentino. A nossa Sociedade São Vicente de Paulo, no Amazonas, nossa casa, tem 36 anos e fica no Bairro São Raimundo. E temos uma equipe de pessoas que trabalha, que cuida dos nossos idosos. Nós temos também, o que não podemos deixar de receber, uma ajuda do Governo do Estado para poder custear algumas despesas, mas a maioria das nossas despesas é paga com doações e por meio de pessoas que vão lá nos visitar, ficam apaixonados pela causa e nos ajudam.



A nossa casa fica no Bairro São Raimundo, e nós estamos com 36 anos de existência. Nós temos 28 idosos lá. E, conforme vocês viram no passeio, fazemos tudo. Eu sempre digo para a minha equipe: *"Você tem que gostar; depois vem o salário, mas primeiramente você tem que gostar, tem que se apaixonar."*

Uma coisa muito importante que sempre digo quando estamos naqueles dias em que falamos *"Não tem, não tem, não tem, não dá!"*: *"Coloca na mão de São Vicente de Paulo, que ele vai dar um jeito."* Nós vamos embora, e no outro dia a doação aparece, por incrível que pareça. Nós temos uma lista enorme de idosos esperando, mas a nossa casa não comporta esse tanto de gente. A nossa meta é para 30 idosos, e nós estamos com 28, porque, infelizmente, 2 já foram para o andar de cima.

Perguntamos ao idoso: *"Você tem parente?"* *"Tenho."* Todos os idosos têm parente, mas são abandonados pela família. Também ocorrem visitas, mas 90% das famílias não visitam os idosos. Por quê? Porque os idosos ficam jogados. E nos perguntam: *"Como vocês pegam esses idosos?"* O vizinho faz a denúncia, as nossas assistentes sociais vão lá, fazem sindicância. Muitas vezes vamos visitar o idoso pela primeira vez e já os levamos, porque a situação é muito ruim. *"O ser humano vai ficar naquelas condições..."* Aí me ligam: *"João, aqui não tem condições."* Eu digo: *"Traz logo."* Olhamos a situação do idoso. Há idoso que não é aposentado, que fica lá jogado, fica vivendo de esmola. Nós o levamos e damos a ele o quê? Damos dignidade, autoestima. Fazemos com que esses idosos sintam-se valorizados. Nós os colocamos em primeiro lugar.

Sinto-me honrado com o convite da nossa querida amiga Deputada para estar aqui falando um pouco da nossa casa. Se quiserem algum esclarecimento, estamos à disposição.

Obrigado. *(Palmas.)*

A SRA. PRESIDENTE (Conceição Sampaio. Bloco/PSDB - AM) - Muito obrigada, querido João Romão, querido Frei João — é assim que o conhecemos no Amazonas.

Hoje é dia do Amazonas em Brasília e no Brasil. Quero registrar aqui a presença do Deputado Estadual Sinésio Campos. Muito obrigada. Quero registrar também a presença dos Vereadores de Itacoatiara, um dos maiores Municípios do Amazonas: o Vereador Bosco Rodrigues, o Vereador Dário Nunes e a Vereadora Cheila. Muito obrigada. Todos vão continuar no seu trabalho como Vereador nesse Município tão importante do nosso Estado, que também tem o trabalho com a terceira idade.



Convido agora para fazer uso da palavra a Profa. Nayara Santana, do ICESP do Guará. É uma alegria tê-la conosco, trazer a experiência do Amazonas, vivenciar essa experiência com os nossos futuros aplicadores do direito, do direito na área de família, que é extremamente importante, e conhecer aquilo que no dia a dia a nossa sociedade brasileira está vivendo.

Com a palavra a Profa. Nayara.

A SRA. NAYARA SOARES SANTANA - Bom dia a todos.

É uma honra poder participar desta banca, poder estar aqui com os meus alunos de direito de família, prestigiando esta audiência pública que discute temas que envolvem direito de família, que envolvem, neste caso, temas como o direito dos idosos.

No mundo jurídico, nós enfrentamos a questão do abandono afetivo inverso. O que seria o abandono efetivo inverso? Seria justamente a situação em que os familiares abandonam os idosos. O Judiciário, muitas vezes, fica abarrotado de processos que discutem o abandono afetivo. Porém, o abandono afetivo inverso é novo, é novidade. Não há ainda decisões em que se discute indenização por abandono afetivo inverso, mas é um trabalho que já estou propondo aos alunos. Eles já vão elaborar um artigo a respeito do abandono afetivo inverso, justamente para discutirmos sobre esses direitos, sobre o que a doutrina e a jurisprudência estão decidindo a respeito desse assunto.

Quero parabenizar a Deputada Conceição Sampaio. É uma honra estar aqui participando com a senhora e com todos vocês desse trabalho, que é uma excelente iniciativa. Com certeza, daqui a pouco nós também seremos idosos. Os idosos realmente precisam ter esses direitos reconhecidos. Infelizmente, hoje existem muitos projetos, porém poucas políticas públicas. Então, *a priori*, não queremos que se discuta isso no Judiciário, nós queremos que realmente existam essas políticas, que existam a implementação dessas políticas públicas, porque é disso que precisamos.

Obrigada a todos pela oportunidade. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTE (Conceição Sampaio. Bloco/PSDB - AM) - Muito obrigada, Profa. Nayara.

Antes de encerrar, vou conceder a palavra ao Deputado Estadual Sinésio Campos, do Amazonas.

O SR. SINÉSIO CAMPOS - Inicialmente, quero dizer que é uma grata satisfação termos a nossa Deputada do Amazonas, a Deputada Conceição Sampaio, presidindo esta



relevante Comissão aqui da Câmara. Ao mesmo tempo, temos aqui uma banca extremamente representativa: a Lucicleide Campos da Silva; eu, que sou o Sinésio da Silva Campos; o Frei João Romão Rodrigues, nosso companheiro; a Dra. Nayara, diretora e professora de direito de família; e a Valtimar, educadora e gerontóloga — creio que o Brasil tem que investir em profissionais desse setor.

Vejo que o Brasil está tendo uma longevidade muito grande. Creio que temos de fazer uma discussão sobre a forma como o idoso é tratado no País. O aumento da idade, conforme proposta da reforma da Previdência, também é algo que precisa ser discutido.

Eu entendo que ninguém pode ser penalizado por ter vivido um pouco mais, em várias situações: por ter sido uma pessoa regrada, que segue as normas para se ter uma vida saudável, ou por possuir, de uma forma ou de outra, características favoráveis à longevidade. O idoso não deve ser um fardo para a sociedade, pois é, sobretudo, uma dádiva de Deus. As instituições públicas devem reservar a ele locais adequados, e não somente a rua, o rejeito da sociedade. O idoso tem que ter uma vida digna.

O Frei João cita o abandono da família. Esse é um debate que tem de ser travado. De que forma a própria família, e não o Estado, deve agir? Eu me reportei primeiro ao Estado, mas agora me reporto ao núcleo, que é a família. De que forma hoje a família pensa nos seus idosos? O idoso não deve ser aquela pessoa que tem um cartão de benefício que fica na mão do neto ou de outros parentes, que fazem usufruto dos benefícios, mas não lhe dão dignidade e não lhe fazem sequer uma visita quando vai para uma casa de assistência, como a Casa do Idoso São Vicente de Paulo.

Deputada Conceição Sampaio, eu externo minhas considerações nestas duas direções: na questão da Previdência e, sobretudo, no fato de que o idoso não é rejeito da sociedade, e sim uma dádiva de Deus e alguém que soube se nutrir.

Uma vez, brincando com o meu tio, eu disse a ele: *"E aí, tio, como é ter essa idade? Como está a sua vida aí?"* E ele me disse: *"Reze para chegar aos meus 85 anos"*. Então, não interessa como eu estou chegando; o que interessa é que eu cheguei. *"Reze para chegar a essa idade."* Essa frase que meu tio me disse aos 85 anos serviu-me para reflexão. Temos que dar dignidade ao último suspiro do idoso aqui na Terra — dignidade e cidadania.

Parabéns, Deputada Conceição! (*Palmas.*)



A SRA. PRESIDENTE (Conceição Sampaio. Bloco/PSDB - AM) - Muito obrigada, querido amigo Deputado Sinésio Campos.

Antes de encerrar, quero primeiro agradecer. Agradeço a Deus este momento que nós estamos vivendo. Agradeço aos nossos queridos assessores da Comissão e do gabinete, aos acadêmicos que aqui estão e aos nossos convidados que vieram do Amazonas e contaram para o Brasil um pouco da experiência vivenciada no Estado do Amazonas, lá na Região Norte.

Entendo que o Brasil só poderá estar unido quando nós respeitarmos as diferenças. As diferenças regionais nos tornarão, lá na frente, unidos. E é este Brasil integrado que nós aqui defendemos, um Brasil que tenha a cara da sua população, mas que saiba respeitar essa população.

Se nós estamos envelhecendo, é preciso envelhecer com qualidade de vida. É preciso entender e, principalmente, respeitar o que pensa uma pessoa que já passou dos 70 anos.

O IBGE demonstra que nós já temos hoje no Brasil uma grande quantidade de pessoas que passaram dos 100 anos de idade. É preciso criar sim as políticas públicas inclusivas, para que nós possamos tratar a pessoa idosa como uma pessoa plena de direitos. É esse o momento que nós estamos trazendo para o debate.

Hoje, na Câmara dos Deputados, meus queridos Vereadores e Deputado Sinésio, nós temos uma Comissão que trata dos direitos da pessoa idosa. Dentro de um Parlamento, dentro de uma Casa que faz leis, colocar no Regimento Interno de uma Casa Legislativa uma Comissão para tratar de uma temática é justamente demonstrar o respeito que os Parlamentares têm por essa temática.

É preciso sim que a Comissão de Defesa dos Direitos da Pessoa Idosa tenha, dentro do espaço regimental desta Casa, uma abertura para que nós possamos construir políticas verdadeiramente, discutir as políticas já construídas e, acima de tudo, verificar se elas estão sendo bem executadas.

Nós estamos vivenciando a realidade do Amazonas, que em muito já avançou, mas, certamente, em muito ainda é preciso avançar, porque lei boa é lei cumprida. Não basta estar na lei, é preciso que a lei seja implementada e executada.

Então, é para dentro de uma Casa que faz as leis que nós precisamos trazer a sociedade civil organizada para debater a legislação em vigor, o Estatuto do Idoso, que



completou, no dia 1º, mais um aniversário. No dia 27, foi o Dia Nacional do Idoso. Então, nada mais importante do que nós trazermos as experiências vivenciadas e também ouvirmos o que pensa essa pessoa, como ela se vê no contexto do seu dia a dia.

Eu quero muito agradecer às pessoas que aqui vieram. Eu quero agradecer à nossa querida Valtimar; à Lucicleide, nossa querida Cleide; ao querido Prof. João Romão; à nossa querida Profa. Nayara; aos nossos acadêmicos presentes e ao Brasil, que, certamente, está acompanhando este trabalho, sabendo como nós podemos fazer a diferença. Todos nós podemos fazer algo para causar um impacto positivo na vida de alguém.

Antes de encerrar a presente reunião, eu quero convocar esta Comissão para reunião deliberativa no dia 11 de outubro, às 9h30min, neste plenário, para apreciação de mais uma pauta.

Declaro encerrada esta audiência pública com os nossos agradecimentos.

Pois não, Profa. Nayara.

A SRA. NAYARA SOARES SANTANA - Eu quero aproveitar a oportunidade para deixar uma mensagem de reflexão, uma mensagem da Ministra Nancy Andrighi, que diz o seguinte: "*Amar é faculdade, cuidar é dever*". Então, é dever do Estado, é dever da sociedade, é dever da família cuidar dos idosos. Eu deixo essa mensagem para vocês.

Trata-se de um direito preconizado no art. 1º, III, da Constituição Federal, e também no art. 226. Então, vamos pensar e vamos refletir sobre isso. Amar é faculdade. Ninguém é obrigado a amar alguém, mas cuidar é sim, é dever do Estado, é dever da família.

Obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (Conceição Sampaio. Bloco/PSDB - AM) - Eu declaro encerrada esta reunião e quero convidá-los para nós tirarmos uma foto aqui deste trabalho tão importante realizado no dia de hoje.

Muito obrigada. (*Palmas.*)